

# análise de conjuntura



## Mercado de Trabalho: Retomada e Desaceleração de Final de Ciclo Eleitoral

VERA MARTINS DA SILVA (\*)

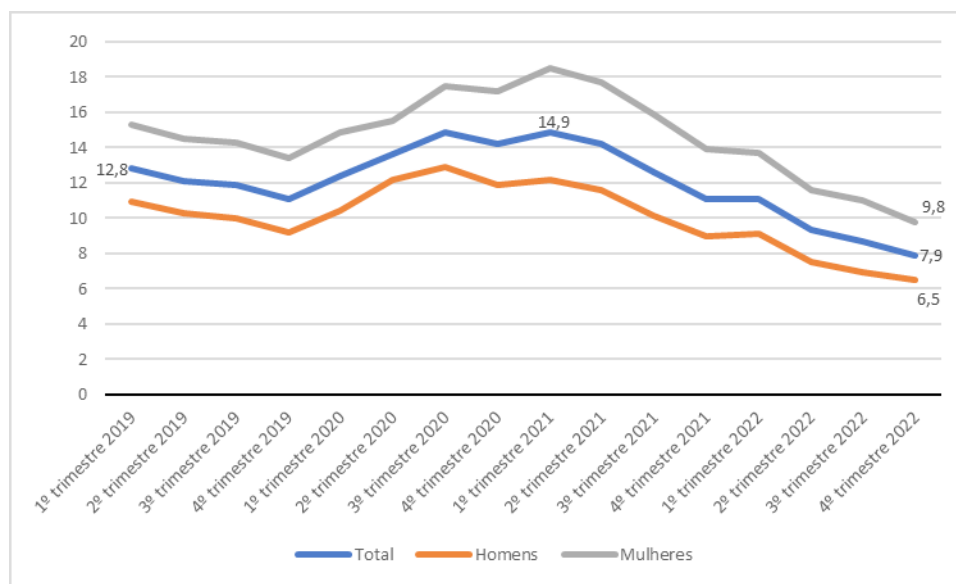
Desde o início de 2021, segundo a pesquisa PNADC/IBGE, a Taxa de Desocupação estava efetivamente se reduzindo à medida que a economia se recuperava do choque da pandemia da Covid-19. O Gráfico 1 apresenta o desempenho da Taxa de Desocupação através dos trimestres fixos desde o início de 2019. A Taxa de Desocupação teve forte aumento durante o primeiro choque da pandemia e depois foi recuando. Nesse gráfico fica evidente que a Taxa de Desocupação entre mulheres é sempre superior à dos homens. Na média entre o pri-

meiro trimestre de 2019 e o quarto trimestre de 2022, a Taxa De Desocupação entre as mulheres era 47% superior à taxa de desemprego dos homens, lembrando que a Taxa de Desocupação é o indicador que mostra o número de pessoas que efetivamente procuraram posto de trabalho no mês anterior à semana de referência da pesquisa.

Entre os grupos que apresentam mais problemas que possam ser refletidos no indicador Taxa de Desocupação do IBGE, o Nordeste do país tem sido sistematicamente

a região com a Taxa de Desocupação mais elevada do que a média do Brasil e, além disso, que sofreu de forma muito intensa com a catástrofe da pandemia da Covid-19. Entre o primeiro trimestre de 2019 e o primeiro trimestre de 2020, em média, a Taxa de Desocupação da Região Nordeste era 23% acima da taxa média nacional, enquanto depois da pandemia – especificamente, entre o segundo e o quarto trimestre de 2022 – era cerca de 37% superior. Enquanto isso, as demais regiões apresentavam taxas inferiores ao indicador nacional.

Gráfico 1 - Taxa de Desocupação, Pessoas com 14 Anos ou Mais, Brasil, 2019.I a 2022.IV. %



Fonte: PNADC/IBGE.

As informações mais recentes da PNADC/IBGE, que trazem as estimativas para o trimestre móvel de dezembro de 2022, janeiro e fevereiro de 2023, indicam uma piora no mercado de trabalho. Pelos dados da pesquisa do IBGE, o mercado de trabalho apresentou uma queda nos indicadores de Ocupação e piora na Desocupação na comparação entre os dois últimos trimestres móveis com informações disponíveis. Isso ocorreu embora os resultados tenham sido muito melhores no comparativo com o mesmo trimestre móvel do ano anterior (dezembro de 2021 a fevereiro de 2022). Portanto, o mercado de trabalho apresentou uma retomada a partir do início de 2022 do mesmo modo que os indicadores de produção econômica, mas passou a desacelerar ao final de 2022 e início de 2023.

Segundo as informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) do IBGE, entre dezembro de 2021 e fevereiro de 2022, a Taxa de Desocupação foi estimada em 11,2%. No trimestre de set/out/nov de 2022 foi estimada em 8,1%. Entre dezembro de 2022 e fevereiro de 2023, em 8,6% – aumento de 0,5 pontos percentuais sobre o trimestre anterior, mas significativamente inferior ao mesmo trimestre do ano anterior, com queda de 2,6 pontos percentuais.

A Taxa Composta de Subutilização da Força de Trabalho (que inclui aqueles com número de horas de trabalho semanais insuficientes para serem classificados como Ocupados e os Desalentados) sobre a força de Trabalho Potencial, ampliada em relação ao total Ocupado por estimativas daqueles que po-

deriam estar incluídos no mercado caso este apresentasse condições efetivas, foi estimada em 18,8% no trimestre de dez22/jan/fev/23, mostrando estabilidade em relação ao trimestre móvel anterior e redução de 4,7 pontos percentuais em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Concomitantemente ao aumento da Taxa de Desocupação nos dois últimos trimestres móveis com dados disponíveis, o Nível de Ocupação, ou seja, a estimativa do Número de Pessoas Ocupadas sobre a População em Idade de Trabalhar teve redução de 1 ponto percentual em relação ao trimestre anterior, passando de 57,4% entre set/out/dez de 2022 para 56,4% entre dez 2022/jan/fev 2023.

O número de Pessoas Ocupadas, com 14 anos ou mais de idade,

limite mínimo usado para a pesquisa PNDAC/IBGE, foi estimado em 98,12 milhões neste último trimestre móvel, com queda de 1,6 milhões de ocupados em relação ao trimestre móvel de setembro a dezembro de 2022 (-1,6%). Já o indicador Pessoas Desocupadas, também com 14 anos ou mais, foi estimado em 9,2 milhões entre dezembro de 2022 e fevereiro de 2023 – aumento de 483 mil (+5,5%) em relação ao trimestre móvel anterior.

Na comparação entre os últimos trimestres móveis com dados disponíveis da PNADC, trimestres de dez22/jan/fev23 contra set/out/nov22, entre os Ocupados, a maior redução ocorreu entre pessoal do Setor Público sem Carteira com uma redução de 457 mil pessoas (-15%), seguido de Empregados do Setor Privado sem Carteira (exclusive domésticos), com redução de 349 mil (-3%), os Conta Própria com CNPJ com redução de 330 mil (-5%) e redução de 130 mil de Empregadores com CNPJ (-4%). Boa parte da redução de Ocupados está relacionada ao fim do processo eleitoral e às festas de fim de ano, que absorvem um contingente não desprezível de ocupações temporárias.

Entre as atividades produtivas, a maior redução foi em Administração Pública, Defesa, Seguridade Social, Educação, Saúde Humana e Serviços Sociais – queda de 471 mil pessoas ocupadas (-3%); na Indústria – redução de 343 mil (-3%); no Comércio e Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas

– queda de 254 mil (-1%) e na Agropecuária – queda de 202 mil (-2%).

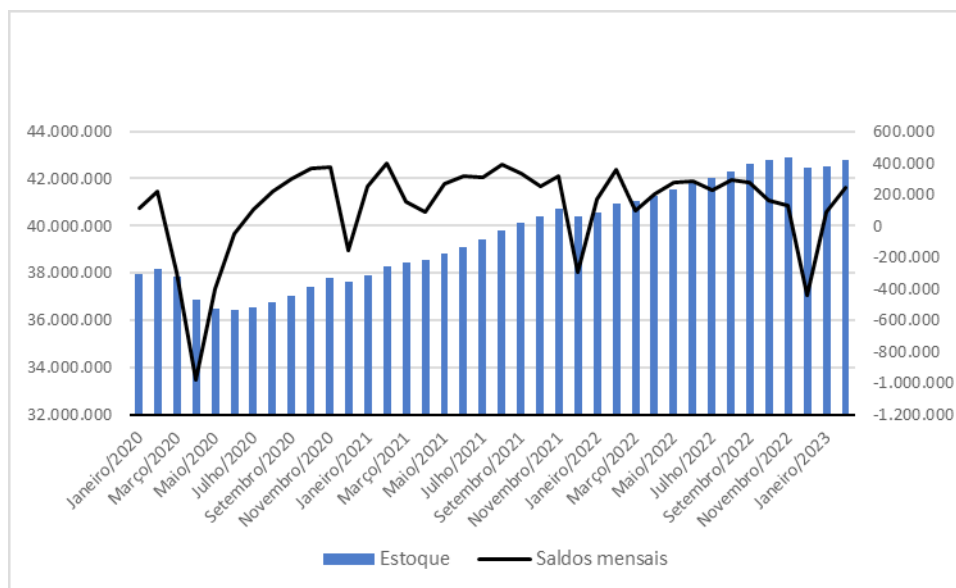
O Rendimento Médio Real Habitual do Trabalho de todas as Pessoas Ocupadas apresentou relativa estabilidade entre os últimos dois trimestres móveis e foi estimado em R\$ 2.853,00, enquanto a Massa de Rendimentos Reais Habitual foi estimada em R\$ 275,5 bilhões, também estável em relação ao trimestre anterior. Embora tenha ocorrido uma estabilidade difusa dos rendimentos pelas diversas categorias de trabalho, destaca-se o caso do aumento real de 4% do Trabalhador Doméstico sem Carteira entre os dois últimos trimestres, apesar da queda de 2% no número de Pessoas Ocupadas deste grupo. Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (dez21/jan/fev22), as estimativas da PNADC indicam aumento real de 7,5% no Rendimento Real Habitual do Trabalho de todas as Pessoas Ocupadas e de 11,4% na Massa de Rendimentos Reais.

Outra forma de se analisar o desempenho recente do mercado de trabalho é através do Novo CAGED, Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Previdência, que não é uma pesquisa amostral como no caso da PNADC, mas sim de dados administrativos que devem ser informados pelas empresas sobre movimentação de seus empregados ao Ministério. Portanto, refere-se ao âmbito formal do mercado de trabalho, cujos resultados mais recentes dizem respeito a fevereiro de 2023.

Nesse mês, foram gerados 242 mil vínculos empregatícios líquidos, saldo de admissões menos demissões, com um salário médio de R\$ 1.978,12. As atividades nas quais houve maior geração de vínculos formais foram os Serviços (164,2 mil novos vínculos), e entre eles destacam-se a geração de 90,4 mil novos vínculos ligados à Administração Pública (Administração, Educação, Defesa e Seguridade, Saúde Humana e Serviços Sociais), seguido da Indústria de Transformação, com a geração de 37,2 mil novos vínculos. Em fevereiro de 2023, o estoque de vínculos empregatícios era de 42,8 milhões, o que não significa que esse número corresponde ao número de empregados formais, já que uma mesma pessoa pode ter mais de um vínculo formal.

O Gráfico 2 apresenta a evolução mensal do estoque de vínculos formais e da geração líquida de vínculos desde janeiro de 2020, com destaque para a destruição de vínculos formais entre março e junho de 2020, primeira onda de choque da pandemia da Covid-19. Essa destruição líquida de vínculos é também comum nos meses de dezembro; em dezembro de 2021 e 2022 isso ocorreu novamente, uma vez que uma série de atividades encerram contratos de trabalho no final do ano, especialmente no setor de serviços. Nestes últimos dois anos, o pico do estoque de vínculos ocorreu em novembro, decaindo em dezembro e passando a se recuperar a partir de janeiro do ano seguinte.

Gráfico 2 - Vínculos Empregatícios Formais no Brasil, Estoque (Eixo da Esquerda) e Geração Mensal de Vínculos Formais (Eixo da Direita), Janeiro/2020 a Fevereiro/2023



Fonte: CAGED/MTP.

Segundo o Novo CAGED, em 12 meses, de março de 2022 a fevereiro de 2023, ocorreu uma geração líquida 1.852.763, aumento de 4,5% sobre o estoque do período anterior. O maior crescimento foi de 457 mil em Atividades de Informação, Comunicação e Atividades Financeiras, Imobiliárias e Atividades Administrativas, seguido de 457 mil no Comércio, Reparação de Veículos Automotivos e Motocicletas e 208 mil na Indústria de Transformação.

Em termos regionais, destacam-se o aumento de vínculos na região Centro-Oeste com +212 mil novos vínculos (+6%), seguido da região Norte com +108 mil (+5,6%), Nordeste com +362 mil (+5,4%), Sudeste com +887 mil (+4,2%) e Sul com 257 mil (+3,2%).

(\*) Economista e doutora em Economia pela FEA-USP.  
(E-mail: veramartins2702@gmail.com).